

# Aula 9

## A CULTURA POP COMO OBJETO DE PESQUISA

### **META**

Provocar uma reflexão crítica nos alunos acerca do conceito de cultura, verificando o modo pelo qual seu conceito, ao atrelar-se ao léxico iluminista, acabou funcionando como um dispositivo de exclusão social.

### **OBJETIVO**

Familiarizar o estudante com a estrutura, as normas e a argumentação de artigos científicos. Analisar o modo como produtos culturais estrangeiros são recebidos e apropriados no Brasil. Viabilizar o estudo da cultura pop como um objeto legítimo de estudos e pesquisa, citando o exemplo da cultura rock no Brasil, tema de nossa próxima Aula.

### **PRERREQUISITO**

Notions about the formation and development of cultural studies;  
Notions of the main concepts employed during the course;  
Notions of twentieth century British and American culture.

**Luiz Eduardo Oliveira**  
**José Augusto Batista dos Santos**

## INTRODUÇÃO

O surgimento dos Estados Unidos como potência mundial e centro de produção e circulação global de cultura provocou um profundo deslocamento da própria noção de cultura, representada tradicionalmente pela ideia de Europa como sujeito universal. Assim, o termo passou a abranger tanto a “alta cultura” quanto a cultura popular e/ou cultura de massa, mediadas pela imagem e pelas formas tecnológicas. Conseqüentemente, as instâncias discursivas privilegiadas no século XIX, como as narrativas históricas, políticas e literárias, foram deslocadas e perderam a centralidade no decorrer do século XX, fazendo com que as representações e os mitos fossem repercutidos em outras modalidades de práticas e manifestações artístico-culturais, como o rádio, o cinema, a televisão e depois a Internet, o que nos obriga a levar em conta outros tipos de manifestação além daquelas tradicionais.

A cultura contemporânea, pelo menos desde a década de noventa do século passado, tem sido pensada preponderantemente em sua condição diaspórica, uma vez que abrange discursos e manifestações políticas, artísticas e culturais de grupos sociais que têm identificações e sentimentos de pertença híbridos e variados. A diáspora, como se sabe, tem o seu paradigma mítico, pelo menos no mundo ocidental, no Velho Testamento, que narra o sofrimento do “povo escolhido” sob o jugo da Babilônia e tem em Moisés o seu grande redentor. A estrutura encontra paralelo nos países do chamado “Terceiro Mundo”, nos quais o subdesenvolvimento, a pobreza, a fome e a miséria provocaram a migração, o espalhamento e a dispersão de grandes parcelas da população.

Nesse processo de adaptação à convivência com as diferenças, o racismo formal e institucionalizado se tornou comum na Europa e no resto do mundo, onde um número cada vez maior de comunidades “étnicas” se estabeleceram, provocando, não raro, sérias manifestações de intolerância, numa nova onda fundamentalista que é já uma característica marcante do século XXI. Como se sabe, a palavra “raça”, que ainda tem uso corrente tanto em Portugal quanto no Brasil ou nos países africanos de língua portuguesa, quando relacionada a seres humanos, não é uma categoria científica, mas política e social, funcionando discursivamente como um indicador de superioridade ou inferioridade, numa relação assimétrica de poder econômico e cultural. Assim, os estigmatizados por razões étnicas, além de serem diferentes do ponto de vista cultural, são biologicamente caracterizados com estereótipos físicos e/ou sexuais.

Em tal contexto, torna-se anacrônico qualquer discurso que insista na homogeneidade da cultura nacional ou regional. No caso do Reino Unido, a perda da hegemonia imperial e econômica, bem como do “ser inglês” sobre o “ser britânico” – nas últimas Olimpíadas, realizadas em 2012, a

Irlanda, a Escócia e o País de Gales apresentaram-se conjuntamente como Grã-Bretanha – acabou por provocar uma profunda crise de identidade nacional, pois não se trata mais da questão do ser negro, judeu, muçulmano etc. ou britânico, mas de ser duplamente qualquer uma daquelas categorias e britânico. O mesmo pode ser dito a respeito de qualquer outro país. O caso do Brasil, que buscou se afirmar interna e externamente pela miscigenação, guarda complexidades que podem ser vislumbradas quando se contrapõem as várias ideias de Brasil, como tentou fazer o cineasta Sérgio Bianchi no filme *Cronicamente Inviável* (2000). Não há mais lugar para uma institucionalização tardia de qualquer tipo de assimilacionismo eurocêntrico, como o que houve e ainda há em várias instituições educativas. É preciso aceitar as diferenças, mesmo porque as ideias e os ideais de identidade e grandeza nacional estão indissolivelmente vinculados às políticas imperialistas dos séculos XIX e XX.

Paralelamente a esse processo de diferenciação e pulverização cultural, causado não só pelos fluxos migratórios, ou pela nova diáspora, ocorrem formas dominantes de homogeneização cultural, que se constituem como o lado negativo da globalização, também alcunhada, nesse sentido específico, de “macdonaldização”. Seja qual for o efeito causado por tal fenômeno, o certo é que, desde o final do século passado, houve uma crescente democratização do acesso a bens de consumo eletrônicos, que passaram a acompanhar, numa impressionante velocidade, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, sobretudo através da Internet. Essa dupla transformação teve profundas repercussões. Os novos modos de produção, circulação e recepção dos produtos culturais, por exemplo, obriga-nos a dar uma nova dimensão às tradicionais noções de cultura popular e cultura de massa, bem como a fugir de tal oposição, como se a primeira representasse a genuína produção do “povo” e a segunda resultasse da imposição de certas produções culturais sobre o povo. Embora o “público cultivado” ainda constitua uma boa fatia de consumidores da considerada “boa literatura”, do “cinema de arte” ou da “música experimental”, a academia e outras instituições se voltam cada vez mais para um tipo mais “popular” de cultura, para o bem e para o mal.

Hall tenta subverter a concepção superficial de um certo marxismo sobre a indústria cultural e a cultura de massa, argumentando que, se tais formas e produtos são puramente manipuláveis e aviltantes, a ideia de “povo” como uma força nula, passiva, é profundamente antissocialista. Assim, embora as indústrias culturais tenham o poder de impor e transformar a realidade da vida das pessoas, ajustando-as ao padrão da cultura dominante, elas não têm o poder de tomar nossas mentes como se elas fossem uma tela em branco, mas apenas abrem um espaço de reconhecimento nas pessoas que a elas respondem. Nesse sentido, diante da enorme quantidade e multiplicidade dos produtos culturais à disposição no mercado, as formas bem

sucedidas são muito mais escolhidas pelo povo do que a ele impostas, pois, para além do seu caráter manipulador, há nelas elementos de identificação que provocam uma resposta ativa de seus consumidores.

Não se trata, pois, de conceber a cultura a partir do seu grau de autenticidade ou corrupção, mas de entendê-la como um processo dialético e dialógico, numa luta constante entre os grupos que buscam deter a hegemonia dos meios de produção cultural. Nesse contexto, o domínio linguístico universal do “inglês”, ou da língua inglesa não pode ser entendido como a hegemonia de uma “língua-nação”, mas como uma espécie de “língua geral” ou patois que se torna uma moeda comum nas relações e trocas culturais.

Desse modo, nessa nova lógica de produção, circulação e recepção cultural, a cultura só pode ser pensada a partir de uma perspectiva diaspórica, sobretudo se tomarmos como parâmetro as formas culturais e as manifestações artísticas contemporâneas, marcadas por uma espécie de dinâmica sincrética que se apropria dos códigos das culturas dominantes e os crioualiza, isto é, torna-os híbridos e necessariamente miscigenados. A ideia de cultura pura é nociva e prejudicial, pois é parente próxima da ideia de raça pura, que durante um bom tempo se sustentou na ideia de uma língua pura, que serviu de lastro para a ideia de nação e gerou o discurso do nacionalismo étnico, que causou tantas guerras e genocídios e ainda motiva grupos neonazistas ou neofundamentalistas nas grandes cidades do mundo.

Obs: devido ao excesso de citações de nomes de artistas, cantore(a)s, compositor(a)s e autore(a)s, não usaremos, excepcionalmente nessa Aula, imagens.

### CULTURA E EXCLUSÃO SOCIAL

Depois de vários debates e de uma pesquisa desenvolvida durante dois anos, esta é a primeira vez que expomos de maneira sistemática esse tema em público. Em nossa área, sempre pesquisamos temas históricos e educacionais, ligados à história das disciplinas, história do ensino de inglês, e mesmo a história dos professores de inglês. Mas sempre fomos muito ligados a essa questão cultural. Como professores de literatura, a cultura, academicamente falando, se restringe muito às Letras, à Literatura. Depois de algumas pesquisas, decidimos trabalhar com a cultura popular e com isso que a gente chama de cultura pop. Então, para iniciarmos nossa Aula, vamos iniciar com um tópico intitulado “Sempre que ouço a palavra Cultura”. Segundo artigo publicado no blog de Fábio Brüggemann (<http://bloguedobruggemann.blogspot.com/2012/09/cultura-pela-culatra-frase-sempre-que.html>), esta frase já foi atribuída a pelo menos três autores. Todos, não por coincidência, trabalharam para Hitler. Um deles, Joseph Goebbels, era o marqueteiro do Führer. O outro, Herman Göring, o chefe da polícia nazista, a Gestapo. A frase foi ainda dita por um personagem de

uma peça escrita por Hanns Johst, poeta e dramaturgo alemão simpatizante do Nacional Socialismo. Como se não bastasse, o cineasta francês Jean-Luc Godard, em *O desprezo*, tem um personagem produtor de filmes que, em uma pequena sala de exibição, diz ironicamente: “Cada vez que ouço a palavra cultura tenho vontade de sacar meu talão de cheques”. Nos idos de 1984, a bandade rock paulistana Felini gravou uma música que repetia a frase: “sempre que ouço a palavra cultura, saco meu talão de cheques/ sempre que ouço a palavra cultura, saco meu revólver” (<https://www.youtube.com/watch?v=uxWmUKVxRpQ>). E pra pensar cultura, falar de cultura pop, primeiro a gente tem que saber o que é cultura. E aí temos que compartilhar, para usar essa linguagem facebookiana, um pouco dos conceitos de Stuart Hall que já conhecemos. Como sabemos, ele é um jamaicano de nascimento, mas tem a formação na Inglaterra e é um dos fundadores do Centro de Estudos Culturais de Birmingham. Ele tem uma frase que pode servir para refletirmos um pouco: “O triunfo do universalismo da civilização ocidental sobre o particularismo de raiz étnica e racial, estabelecido o Iluminismo, marcou uma transição decisiva e irreversível do tradicionalismo para a modernidade”. Vejam bem. Nessa frase, a gente tem uma série de elementos e vamos buscar destrinchá-la para a gente expor, ou mais ou menos chegar perto, da reflexão dele e falar a mesma língua dele. Então “O triunfo do universalismo da civilização ocidental”. Bem, o que é a civilização ocidental? É tudo que a gente conhece como civilização. Estamos falando da Europa, que é aquela parte do planeta que conquistou, dominou e, de certa forma, agrediu todas as outras partes do mundo. Não satisfeita com isso, quer dizer, além de ter dominado, conquistado, desde o século XV, as outras partes do mundo numa cena que nem sempre é contada com a violência e agressividade que ela merece ser contada, ela impôs padrões comportamentais. Assim, depois dessa expansão, por assim dizer, e depois que ela se firmou com sua identidade após as Cruzadas, estabeleceu-se um padrão de sociabilidade que passou a ser chamado de civilização.

Essa civilização, esses valores da civilização, tornaram-se universais alguns séculos depois, com o Iluminismo. Porque com o Iluminismo, nós começamos a ter acesso aos conceitos que hoje consideramos universais. O conceito de homem, por exemplo, “O homem chegou à lua”, “O homem chegou a regiões desconhecidas”. Quem é esse homem? É claro que se trata, nesse caso, do homem branco, do homem europeu. Mas esse homem branco é universalizado. Os livros de história, quando falam de homem, não estão falando do homem africano, tampouco do brasileiro, ou do sergipano. Eles estão falando do homem branco, do homem europeu. E junto com o conceito de homem, nós temos o conceito de cultura, quem vem um pouco depois. Mas o conceito de Literatura, o conceito de razão, de educação e fundamentalmente de civilização representam o triunfo do universalismo da civilização ocidental, isto é, é o triunfo do universalismo

desses conceitos que a gente tem como nossos que perpetua essa hegemonia. A gente quer ser civilizado, a gente quer ser homem, no sentido humano da coisa, a gente quer ter razão, a gente quer ter educação. Na escola, desde pequenos, aprendemos que aqueles valores tidos como universais são tidos como desejáveis. E é a partir desses valores que é medido o nosso grau de civilização, o nosso grau de humanidade até. Então, para Hall, de maneira brilhante e sucinta, esse caminho que vai do universalismo à modernidade, na verdade, é o suplante, é a imposição do universalismo da civilização ocidental sobre os particularismos étnicos e raciais.

Nesta Aula, vamos falar um pouco como se pode trabalhar academicamente com o conceito de cultura levando em conta todas essas circunstâncias acima colocadas, buscando fugir de uma definição obsoleta e excludente.

### A PALAVRA “CULTURA”

Na língua portuguesa, a palavra cultura, com esse sentido que nós damos hoje, é algo muito recente. Seu uso só começou mesmo a partir do século XX. Nos séculos XVIII e XIX, no Brasil e alhures, sempre que a gente lê a palavra “cultura” ela tem o sentido de agricultura, como em “a cultura do café”. Dizemos isso com segurança porque fizemos uma pesquisa muito longa sobre os séculos XVIII e XIX. Em suma, nunca é “cultura” no sentido que damos hoje. A palavra cultura, em seu uso contemporâneo, tem origem alemã e veio substituir a palavra civilização. Assim, sempre que alguém diz “fulano de tal tem cultura”, no senso comum, na verdade a gente está dizendo, em outras palavras, “fulano de tal é civilizado”. “Olha, fulano de tal veio da Europa, ele é culto. Ele tem cultura”.

Nesse sentido, a palavra cultura tem uma vinculação com o léxico iluminista. E o que é o léxico iluminista? O vocabulário iluminista? Os principais vocábulos são “razão”, “homem”, “educação”, “literatura”. Em certo sentido, a palavra “cultura” é até um dispositivo de exclusão social, pois tudo que não é cultural é desvalorizado. Você ouve, por exemplo, alguém falar do gênero musical “arrocha”. No sentido antropológico, aquilo é cultura, pois, culturais seriam todas as práticas partilhadas por grupos sociais. Mas se alguém, como dissermos, está ouvindo arrocha e você diz “isso aí não é cultura”, você está querendo dizer que ele não é civilizado, não é culto, não é digno de atenção. Ou seja, a cultura, assim como a literatura e qualquer outro termo desse léxico iluminista, funciona como um dispositivo de exclusão social. Ocorreu assim também com a literatura. Antes de ter o conceito de literatura, as pessoas usavam essa palavra para qualquer tipo de escritos. Assim, tanto os escritos dos filósofos quanto os escritos pornográficos impressos já no século XVIII eram tidos como literata.

No entanto, no século XIX, com o Romantismo, foi preciso inventar um conceito de Literatura para caracterizar um grupo de escritos que era

mais valorizado e representava, de certa forma, a civilização europeia. Se vocês buscarem a Literatura do século XIX de qualquer parte do mundo, é uma literatura quem tem como parâmetro aqueles valores europeus. Basta ver a literatura brasileira do século XIX, o próprio Machado de Assis, os bailes das narrativas de José de Alencar, os costumes, os modelos de civilização que são comumente relatados pela Literatura. Assim, quando surgiu o conceito de literatura, ele serviu como um dispositivo de exclusão social também, pois a literatura surgiu num momento em que era preciso separar aquele grupo de escritos que era considerado bom e valorizado daquele outro grupo de escritos a que todo mundo tinha acesso. Assim também funciona com a cultura. O que é cultural, o que é valorizado como cultura, seja pelas instâncias do Estado, seja pela academia, é aquilo que já tem o estatuto de civilização. É aquilo que é digno de estudo.

Contudo, outras manifestações culturais, que são consideradas pela antropologia como cultura, isto é, como qualquer prática que seja partilhada por um grupo social. Desse modo, se um grupo social tem o costume de comer areia, por exemplo, um exemplo bem absurdo, isso é cultural para aquele grupo, já que é uma prática partilhada. Isso porque não há um critério de valor para cultura, mas no senso comum as coisas não funcionam assim. Alguns ritmos e estilos musicais, algumas práticas sociais são do ponto de vista antropológico e sociológico culturais, mas não são valorizadas como tais. Para o povão, isso não é cultura. Ou seja, nega-se o estatuto ontológico da coisa. Então, se é uma música que a pessoa está batucando, logo se diz “Isso não é música”. Paulo Coelho, nesse sentido, não seria *literature*, simplesmente por vender muito e ser popular. Em outras palavras, se a pessoa está se manifestando de outra maneira que não seja padronizada, isso não é cultura.

As coisas que são aceitas como cultura são aceitas pelo Estado e por algumas instâncias midiáticas que as tornam cultura. A gente já sabe também que alguns escritos, antes, não eram literatura e passaram a sê-lo. Da mesma forma, isso ocorre com a música. O currículo dos cursos de música ainda são muito eurocêntricos. A música que se estuda na universidade é a música europeia. É como a Literatura para o curso de Letras tradicional. Isso mostra a persistência da vinculação da cultura com o léxico iluminista. Um tipo de cultura que funciona como um substitutivo da ideia de civilização, tornando-se um dispositivo de exclusão social. Todas as políticas culturais e governamentais deveriam levar isso em conta. Tanto a valorização daquilo que se considera raiz da cultura, o folclore, quanto do que passa a ser considerado cultura. Na década de 1980, por exemplo, o rock ainda não era considerado cultura. Gostar de rock era ser anticultural, porque cultura mesmo era gostar de MPB.

## CONCLUSÃO

A primeira conclusão a que chegamos diz respeito à sua hipótese central, que pode ser descrita nos seguintes termos: o processo de circulação, recepção e apropriação cultural no Brasil provocou o surgimento de novas identidades culturais ao mesmo tempo transgressoras e cooptadas. Verificou-se que esse processo de fato deu origem a indivíduos em cuja identidade pode-se encontrar ao mesmo tempo elementos de rebeldia e de alienação. Essa dualidade toma forma no momento em que o indivíduo ora se mostra insatisfeito com a realidade imposta a ele e por isso opta em se rebelar contra ela, ora se mostra acrítico diante de questões tais como a própria recepção do que se tornou seu principal meio de expressão, ou, ainda, quando se deixa ser usado pelo sistema a que ele mesmo afirmava se opor, o que o transforma em alguém cuja identidade é plural, isto é, híbrida e muitas vezes contraditória, tal como teoriza Hall quando se refere à questão da identidade do sujeito pós-moderno.

No tocante à questão da recepção em especial, a impressão que se tem é que, embora certos produtos culturais, como o rock, por exemplo, fosse utilizado para questionar várias instituições, tais como a família, a igreja e o próprio Estado, não se observa um questionamento do próprio rock, sobretudo no que se refere ao seu caráter burguês, uma vez que ele se tornou o meio de expressão de uma juventude branca e de classe-média, nem no modo como ele foi recebido e apropriado. Não havia na década de 1980, pelos menos por parte do roqueiro, uma preocupação com a influência que se recebia de fora. Desse modo, o fato de se cantar em inglês, por exemplo, era encarado com bastante naturalidade, assim como o modo de se vestir, muitas vezes buscando imitar o padrão de bandas da Europa ou dos Estados Unidos. Essas questões passavam despercebidas pela mente do roqueiro, que as enxergava como sendo algo natural. Este talvez esse seja o lado mais alienado na figura do roqueiro oitentista.

No que se refere à questão da cooptação, no sentido de se deixar usar pelo sistema a que antes se opunha, observa-se que o próprio modo de circulação, recepção e apropriação cultural ensejou o surgimento de um indivíduo cooptado. No caso do rock, que veremos com mais detalhes na próxima Aula, ele surge inicialmente com um caráter de cultura marginal ou periférica e alcança na década de 1980 o espaço cultural do mainstream. Ao longo desse processo de ascensão, até atingir seu apogeu, o rock foi apropriado pela indústria fonográfica, cujo interesse primeiro era explorar o novo mercado jovem, o que acabou contribuindo significativamente para massificação do estilo. No entanto, a visibilidade alcançada pelo rock no espaço cultural do mainstream passou a ser regulada e segregada por essa mesma indústria. Como resultado, o show de rock inicialmente com um caráter contestatório transforma-se em uma espécie de encenação, isto é,



um espetáculo onde a crítica e a contestação perdem de certo modo sua força inicial. Todo esse cenário faz do roqueiro um indivíduo transgressor e cooptado ao mesmo tempo.



## RESUMO

Esta Aula teve como objetivo provocar uma reflexão crítica nos alunos acerca do conceito de cultura, verificando o modo pelo qual seu conceito, ao atrelar-se ao léxico iluminista, acabou funcionando como um dispositivo de exclusão social. Outrossim, busca viabilizar o estudo da cultura pop como um objeto legítimo de estudos e pesquisa, citando o exemplo da cultura rock no Brasil, tema de nossa próxima Aula.



## ATIVIDADES

Após ler o texto desta Aula, escreva um parágrafo explicando, em seu ponto de vista, a importância da cultura pop como objeto de estudo e pesquisa.

## ACTIVITY COMMENT

Esta atividade tem por finalidade principal fazer com que você construa uma síntese dos principais conteúdos desta aula, desenvolvendo o senso interpretativo e o senso crítico.



## PRÓXIMA AULA

Cultura Rock e Identidade no Brasil (1982 – 1988)

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas**. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas da Rebeldia. A juventude em questão**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- CHACON, Paulo. **O que é Rock**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- Essinger, Silvio. **Rock Brasil 1 – 1955 – 1984: a revolução de Nora Ney e Bete Balanço**. Disponível em <http://cliquemusic.uol.com.br/materias/ver/rock-brasil-1---19551984>. Acessado em: 2 de fev. 2015, 16:30:30.
- HALL, Stuart. 2005. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, Stuart. 2006. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia
- HALL, ET alii. 2004. **Culture, media, language**. London: Routledge; Birmingham: Centre for Contemporary Cultural Studies.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, 598 p.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- MATTELART, Armand e NEVEU, Érik. 2004. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial
- SOUZA, Antônio M. Alves. **Cultura rock e arte de massa**. Rio de Janeiro. Diadorim. 1995.
- RESENDE, Ana Carolina. **Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral**. Belo Horizonte: Editora UFMG.